

O cinema no debate sobre o envelhecer

The cinema in the debate about aging

El cine en el debate sobre el envejecimiento

Anapaula Pastorio
Marco Aurelio de Figueiredo Acosta
Simone Neiva Milbradt Roos

RESUMO: O envelhecimento populacional é um fenômeno mundial. Como uma estratégia de discutir o envelhecimento, originou-se o Projeto: Ciclo de Cinema “Envelhecimento”, que desde 2009, busca através de filmes aproximar as questões da velhice da população de Santa Maria, RS. Neste artigo destacou-se o filme “Um Senhor Estagiário: Experiência nunca é demais” que, em sua exibição durante o Projeto, possibilitou um amplo debate acerca do processo de envelhecimento, fundado em teóricos da área da gerontologia.

Palavras-chave: Envelhecimento; Filme; Projeto.

ABSTRACT: *Population aging is a worldwide phenomenon. As a strategy to discuss aging, the Project: Cinema Cycle "Aging", which since 2009, seeks through films to approach issues of old age in the population of Santa Maria, RS. In this article we highlight the film "A Master Trainee: Experience is never too much" that in its exhibition during the Project made possible a wide debate about the aging process, based on gerontology theorists.*

Keywords: *Aging; Movie; Project.*

RESUMEN: *El envejecimiento poblacional es un fenómeno mundial. Como una estrategia de discutir el envejecimiento, se originó el Proyecto: Ciclo de Cine "Envejecimiento", que desde 2009, busca a través de películas aproximar las cuestiones de la vejez de la población de Santa Maria, RS. En este artículo se destacó la película "Un Señor Pasante: Experiencia nunca es demasiado" que en su exhibición durante el Proyecto posibilitó un amplio debate sobre el proceso de envejecimiento, fundado en teóricos del área de la gerontología.*

Palabras clave: *Envejecimiento; Película; Proyecto.*

Introdução

Como registrar essa complexidade? Para Platão, a nossa alma não está separada da alma do mundo; estamos aprisionados no mundo e o mundo em nós. Uma maneira de nos libertarmos é pelo imaginário, pelo inconsciente e pela loucura. E talvez por isso precisemos de arte.
(Andrade, 2002, p.115)

O envelhecimento da população é um fenômeno mundial, caracterizado fundamentalmente por duas grandes dimensões, quais sejam o aumento na sua visibilidade e a denominada transição demográfica. Seu imbricamento produz uma nova realidade para os que hoje “habitam” a velhice, ao mesmo tempo em que permite uma “antevisão” para os que logo chegarão lá.

A primeira dimensão citada mostra-se perceptível na ocupação dos espaços públicos, seja na mídia, nas atividades culturais e de lazer, seja no protagonismo de muitos velhos no dia a dia familiar, a tal ponto que não temos mais clareza do que significa “coisa de velhos”.

A segunda traz estudos que comprovam que a faixa etária que mais tem aumentado é a de idosos, e o Brasil segue esse contingente global. Como afirma Veras (2009, s/p.): “O número de idosos no Brasil passou de 3 milhões, em 1960, para 7 milhões, em 1975, e 20 milhões em 2008 - um aumento de quase 700% em menos de 50 anos”.

Sobre a Transição da Estrutura Etária no Brasil, Wong e Carvalho (2006) descrevem que o formato acentuadamente piramidal está desfazendo-se e há uma

tendência à forma retangular, indicando fortemente o processo de envelhecimento. Os idosos são uma população em constante crescimento no cenário demográfico.

A inquestionável transformação demográfica pela qual a humanidade está passando suscita e dissemina atenção especial aos estudos referentes aos idosos. Este público vem conquistando espaço tanto no cenário de pesquisas acadêmicas como no campo das políticas públicas, com a reflexão de questões cruciais para enfrentar esse novo contexto populacional. Acostumada a valorizar apenas os jovens/adultos, agora a sociedade necessita atentar para esse grupo etário que emerge no contingente sociocultural.

Desmistificar a “cultura do descarte”, pregada por anos numa ideologia capitalista, é imprescindível. Essa lógica tem o lucro como base das relações e torna os grupos sociais, que não atendem ao ideal, vulneráveis, passíveis de constante discriminação, como é o caso dos idosos.

Na atual conjuntura, não cabe mais entender o idoso como problema, um ser em constante decadência, sem utilidade, e que por isso deve ser ‘descartado’ pela sociedade. Andrade (2002) traz um questionamento de suma importância às reflexões no campo gerontológico neste oceano globalizado no qual vivemos: “Afiml, por onde anda nossa identidade?”.

A Gerontologia surge como um “campo multi e interdisciplinar que visa à descrição e à explicação das mudanças típicas do processo de envelhecimento e de seus determinantes genético-biológicos, psicológicos e socioculturais” (Neri, 2008, p. 95). A dificuldade em definir a velhice é incontestável, já que consiste num processo multifacetado, tendo várias dimensões como os aspectos biológicos e ainda os fatores psicossocioculturais que implicam um modo subjetivo ao envelhecimento. Freitas, Queiroz e Souza (2010) atentam que as amplas modificações na concepção biopsicossocial do idoso afetam sobremaneira as relações do indivíduo com seu contexto social.

Analisando a crescente participação da terceira idade na economia, na sociedade e nos espaços culturais compreende-se que esta faixa etária tem anseios, preocupações, direitos, deveres, poder econômico, levando esses idosos a uma vida plenamente ativa. Contudo, apesar de estarem conquistando seu espaço em variadas esferas, estes ainda sofrem severa exclusão social. Como afirma Goldfarb (2006, p. 42):

O lugar social do velho seria quase um não-lugar, pois, embora a partir dos investimentos das últimas décadas sejam reconhecidos como sujeitos, sendo incluídos no panorama cultural contemporâneo (até porque seria impossível não incluir o grupo etário que mais cresce), os velhos são empurrados para as bordas da estrutura social, reconhecidamente obrigados à subjetividade ancorada na passividade, à pobreza de trocas simbólicas e à renúncia ao papel de agentes sociais.

O envelhecimento no cinema

Tentando compreender esse fenômeno tão complexo, denominado envelhecimento humano, buscou-se na cinematografia temáticas relacionadas ao objeto de estudo. Para a compreensão intergeracional, o cinema converge com a tendência do século XXI, através de recursos tecnológicos e audiovisuais, para atrair o interesse e os olhares da sociedade em geral.

O uso de diferentes estratégias, mobilizadas pelos artistas contemporâneos, permite a discussão dos conceitos de identidade e representação social. De acordo com Oliveira, M.L., Oliveira, S.R.N., e Iguma (2007), um projeto pedagógico que envolva Gerontologia e Cinema, coloca o discurso cinematográfico a serviço da consciência social crítica, salientando o compromisso irremediável da arte com a crítica aos valores sociais, não se esquecendo de que esta forma de exposição nos habilita a pensar nos preconceitos, estereótipos e discriminações:

Sob a égide da cultura de massa, o cinema transformou-se de invenção em um meio de comunicação cuja soma de técnicas e linguagem conferiu aos homens a possibilidade de reproduzir a realidade, ou melhor, construir versões acerca da realidade (Oliveira, M.L., Oliveira, S.R.N., & Iguma (2007, s/p.).

Apesar de gerar uma cultura audiovisual comum, os símbolos expostos ao público possibilitam uma leitura individual, refletindo em diferentes sensações, pensamentos, opiniões, corroborando, assim, à estimulação do imaginário particular dos

presentes. Como qualquer artefato cultural, ele oscila no processo interpretativo, privilegiando a multiplicidade dos expectadores.

Oliveira *et al.* (2007) explicam que, através dos filmes, podemos obter conteúdo para compreender e explicar o mundo e o processo de vivência em suas diferentes fases. Ainda salienta que a possibilidade de se identificar, e ter a sensação de pertencimento ao mundo imagético, permite reflexões aprofundadas acerca dos temas.

Os filmes fornecem um caminho profícuo de entender a realidade de forma prazerosa, e de compreender as representações e relações sociais da velhice, com vistas na reconstrução desse contexto. Nesse sentido, a produção cinematográfica é uma construção artificial da realidade, na qual se inserem as conjunturas sociais e a psicologia individual. Segundo Andrade (2002, p. 69): “(...) filme, por exemplo, é um testemunho e um documentário da realidade vivida, tornando-se um instrumento poderoso para a memória coletiva”.

A imagem, hoje, não pode mais estar separada do saber científico. A antropologia, enquanto ciência que tem como objeto de estudo o homem e a humanidade de forma integral, agrupando diversas disciplinas em todas as suas dimensões, utiliza-se das imagens, carregadas de informação, que se tornam parte da percepção espacial, social e cultural humana. Ou seja, a antropologia não dispensa recursos visuais – e não são recursos apenas como um suporte de pesquisa, mas imagens que agem como um meio de comunicação e expressão do comportamento cultural (Andrade, 2002).

De acordo com Ribeiro (2015), o cinema e a antropologia de terreno têm, desde o seu nascimento, o qual coincide com a sistematização da atitude científica do século XIX e com a expansão industrial, uma participação comum num mesmo processo de observação científica.

Nesse processo, recordar não significa apenas reviver, mas sim, através da reflexão, tentar encontrar novos caminhos com perspectivas melhores. Nesse sentido, a problematização através de filmes torna-se um excelente instrumento de interação, por permitir leituras diferentes sobre temas comuns.

A utilização de filmes se insere em uma realidade cada vez mais imagética, cujos signos permitem diferentes possibilidades de interpretação das mensagens veiculadas pelos filmes, fundamental para este momento do envelhecimento da sociedade brasileira.

A cinematografia constitui uma possibilidade de discussão teórica, reflexão crítica das práticas sociais da atualidade. Permite ainda, um olhar de fora para dentro, como se o mundo estivesse em exposição, apropriando-se das passagens reais para retratar nas cenas questões com as quais há ampla identificação dos espectadores com os artistas-personagens. Eis uma forma de relação dos aspectos, e por vezes, problemas da vida humana, com maior eficácia e facilidade do que seria através de textos.

Araújo, Mergulhão e Nóbrega (2013) apresentam uma bela reflexão sobre a vida, por meio da análise do filme francês “Amour”, produção sobre o cotidiano de um casal de idosos eruditos, mas com os mesmos problemas dos demais, como a aproximação de doenças, o distanciamento da filha.

Outra análise interessante é desenvolvida por Viana (2010) acerca do filme “Camilla”. Aqui, a autora se propõe a discutir a produtividade da juventude comparada à velhice, a mudança no padrão de comportamento das pessoas mais velhas, e a questão da sexualidade no envelhecimento. Utilizando-se de autores clássicos na gerontologia, a autora conclui que o que importa na visão das personagens, após suas trajetórias, não é se alguém errou no passado, mas se não parou de tentar acertar.

Santana e Belchior (2013) apresentam também uma interessante análise da mudança dos papéis ocupacionais dos idosos através do cinema. Estudo documental qualitativo que utilizou filmes tendo como personagem principal um sujeito velho. Analisando 23 filmes, foram identificados papéis perdidos, mantidos e incorporados na velhice.

Projetos e programas direcionados aos idosos necessitam permitir ao velho tornar-se agente histórico e não o limitar a mero recebedor passivo de uma cultura pré-determinada e imposta pelos segmentos dominantes. Nesse sentido, justifica-se o fato de trabalhar com os idosos e não para os idosos, a fim de reconhecer suas necessidades específicas e assim, tentar atender as demandas particulares dessa faixa etária, contemplando a implantação de políticas públicas específicas.

Metodologia

Neste contexto, o Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade - NIEATI e o Grupo de Estudos e Pesquisa em Gerontologia (GEPEG) do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria, UFSM promovem desde 2009 o Ciclo de Cinema sobre Envelhecimento. Através dos filmes

com temáticas e protagonistas da área do envelhecimento, busca-se proporcionar uma discussão sobre questões da velhice com a comunidade de Santa Maria, RS, de maneira intergeracional, em que diferentes profissões e especialmente os idosos proporcionam uma interlocução mediada por sua “escola da vida”.

A intervenção ocorre no intuito de buscar pela construção de uma nova imagem social do envelhecer que considera a velhice como uma etapa da vida na qual o desenvolvimento pessoal é possível.

Os Ciclos de Cinema ocorrem anualmente, por meio de encontros em um auditório da cidade, com periodicidade mensal, nas tardes de sábado, na segunda quinzena do mês, das 14 às 17 horas. Os encontros obedecem a três momentos: projeção de um filme, explanação por parte de um estudioso ligado à temática do filme, e debate com os presentes.

Como uma estratégia de disseminar o conhecimento dos debates acerca do processo de envelhecimento, optamos por destacar neste artigo um dos filmes exibidos: “Um Senhor Estagiário: Experiência nunca é demais”, acompanhado das discussões estimuladas pós-filme, este sendo pertencente à sexta edição do Ciclo de Cinema sobre Envelhecimento.

Discussão

O Filme “Um Senhor Estagiário: Experiência nunca é demais”

O filme “Um Senhor Estagiário: Experiência nunca é demais”, sob a direção de Nancy Meyers, e tendo como atores principais Robert De Niro (Ben) e Anne Hathaway (Jules Ostin), argumenta sobre como construir o conflito de gerações de maneira inteligente e bem-humorada.

Ben é viúvo, com 70 anos, e consegue a chance de trabalhar como estagiário sênior em um *site* de moda que vende roupas sob medida, e o encontro entre diferentes gerações nesse ambiente proporciona a troca de experiências, e novas amizades surgem. Essa interação geracional ajuda a coibir a exclusão social tão presente em nossa sociedade, em que o idoso, muitas vezes, é posto à margem da sociedade pela sua dificuldade de inclusão, sendo considerado um ser obsoleto e sem condições de acompanhar os constantes avanços tecnológicos.

Em uma perspectiva no campo da Gerontologia, ao mesmo tempo em que aponta a atividade como benéfica e necessária para a satisfação com a vida na velhice, a Teoria da Atividade enfatiza que todo o idoso requer e deseja altos níveis de atividade social. Com isso, a pessoa que envelhece em boas condições é aquela que permanece ativa e consegue resistir ao desengajamento social. A Teoria da Atividade influenciou, e influencia até hoje, os movimentos sociais de idosos e orienta proposições nas áreas do lazer e da educação não-formal, afirmando que são veículos privilegiados para a promoção do bem-estar na velhice.

Essa teoria vem oferecendo fundamentação a diversas intervenções e a numerosos programas relacionados à população idosa. Apesar das discussões sobre suas limitações, continua sendo considerada como uma das mais adequadas perspectivas no campo da Gerontologia Social. Além disso, manter-se com os mesmos níveis de atividade dos estágios anteriores da vida adulta contribui de forma importante para o envelhecimento bem-sucedido (Siqueira, 2002).

Outro conceito importante que emerge é o de “Envelhecimento Ativo”, conceituado pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2005) como o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida, à medida que as pessoas ficam mais velhas. O envelhecimento ativo aplica-se tanto a indivíduos quanto a grupos populacionais. O mesmo permite que as pessoas percebam o seu potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida, e que essas pessoas participem da sociedade de acordo com suas necessidades, desejos e capacidades; ao mesmo tempo, propicia proteção, segurança e cuidados adequados, quando necessários (OMS, 2005).

A ideia geral é que os indivíduos são mais felizes quando continuam integrados na sociedade. Essa alegria depende de aspectos como: autoconceito e autoestima, boa saúde, níveis de condição física, autonomia e independência (Farinatti, 2006).

De acordo com as Teorias Psicológicas do Envelhecimento, as pessoas que permanecem altamente produtivas até a idade avançada, de forma que seu funcionamento intelectual não decline paralelo com o declínio biológico, beneficiam positivamente seu desenvolvimento (Neri, 2002).

A vida na velhice pode ser satisfatória, com qualidade e bem-estar, especialmente quando há disposição para enfrentar os desafios da vida, lutar pelos direitos dos cidadãos e pôr em prática projetos viáveis dentro das condições pessoais e do meio ambiente em que se vive (Freire, 2000).

D'Alencar (1998) descreve a necessidade imprescindível na atualidade, de preparar as futuras gerações, a fim de valorizarem a experiência, o conhecimento, a sabedoria e inclusive as emoções dos mais velhos. Fato que só será possível através da educação, que tem a capacidade de promover mudanças socioculturais e de pensamento, que estejam de acordo com a evolução de uma sociedade que está envelhecendo. Encontra-se aqui o desafio de obter culturas integradas baseada no respeito à vida em todas as suas etapas.

Face as exigências que os tempos atuais suscitam, a prática pedagógica também necessita acompanhar tal demanda. Para que a sociedade encare a velhice como um tempo desejável e livre de preconceitos, os valores como, por exemplo, o respeito e cuidado com os idosos precisam ser trabalhados desde a infância:

As instituições não estão preparadas para mediar o desenvolvimento humano e, tampouco, o ser humano consegue resolver-se educacionalmente se não tiver um olhar compreensivo de sua própria identidade e as necessárias disposições para o seu desenvolvimento (Both, 2001, p. 09).

A escola como local de constante aprendizado é onde novos significados e experiências devem ser desenvolvidos. Os perfis por vezes obscuros do envelhecimento devem ser desvelados possibilitando a aproximação e entendimento da velhice, com suas virtudes e limitações. Desde criança é preciso ter a consciência de que é nos mais velhos que nós nos encontramos para que, além de valorizar os avós e bisavós, os jovens preparem-se para todas as fases da vida.

Nesse caminho, a fim de tentar contribuir e ampliar a cultura gerontológica, aprimorando suas discussões surge a gerontogogia, que se caracteriza pela educação para uma longevidade transformada.

Erikson (1963) foi o primeiro autor a desenvolver o termo “generatividade”, definindo-o como o comprometimento e preocupação do adulto para com as futuras gerações. Destacou a necessidade do relacionamento intergeracional equilibrado e harmônico no decorrer da vida. Ainda segundo ele, para uma transição bem-sucedida à etapa final da vida, a generatividade é tarefa imprescindível aos adultos.

Na análise e reflexões das cenas do filme, percebe-se que a troca de experiências entre gerações acaba ensinando o idoso a ligar o computador e lidar com as novas

tecnologias. Em contrapartida, o idoso tem muito mais a ensinar, como, por exemplo: como ser um cavalheiro, usar roupas adequadas, ser sigiloso quanto aos aspectos particulares da chefia, fazer as coisas para ajudar a melhorar tudo no ambiente de trabalho, vontade de continuar aprendendo independentemente da fase da vida.

Podemos destacar essas reflexões do filme como um processo educativo, sendo uma dimensão socioeducativa, pois o foco é o desenvolvimento de contatos e relações sociais e a capacidade de conviver com outras pessoas. Compartilhar, trocar ideias e experiências, desenvolver atividades de forma conjunta, aprender a escutar e respeitar o outro na sua especificidade são os aspectos principais deste tipo de aprendizagem (Salgado, 2007).

A convivência com idosos faz-nos compreender a importância do ato de conversar, atitude simples, mas tão esquecida na atualidade cujos principais meios de contato são as redes sociais que, em geral, aproximam os que estão longe e distanciam os que estão perto. Enfim, entre outras coisas ensina-se que o diálogo é a principal forma para estabelecer um relacionamento e que “nunca se está errado fazendo a coisa certa”, nas palavras do personagem principal.

Freire (1982) destaca que é por meio da leitura de mundo que os indivíduos aprendem a ler os outros textos e, conseqüentemente concordando com Torres e Tettamanzy (2008, p. 03), “a literatura oral, por expandir a leitura de mundo, é uma eficaz ferramenta para aguçar a curiosidade por outras artes e excitar a imaginação”.

O filme ainda traz aspectos como a mulher no mercado de trabalho e o homem no lar cuidando da filha, e o preconceito de outras mulheres quanto a essa questão de inversão de papéis estabelecidos pela sociedade. Os mais velhos como Ben, foram criados em uma época em que as “coisas do lar” eram atribuições femininas, competia ao homem ser o provedor do lar, como afirma Alves (2013, s/p):

Com o crescimento dos centros urbanos e a expansão da sociedade industrial, o trabalho produtivo passou a ser exercido no espaço público, separando-se da vida doméstica (...) disseminou-se a ideia de que o lugar da mulher era o lar, ficando sob sua responsabilidade o cuidado dos filhos e do marido.

Outra inferência possível de ser feita a partir do filme, refere-se ao ensinamento aos mais jovens, ou seja, a importância das relações. Dominando profundamente a

tecnologia, os mais jovens não aprenderam a equacionar problemas do cotidiano, desrespeitando normas básicas de convivência, como alicerces da vida em grupo. *Experts* em tecnologias e analfabetos em sociabilidade.

Considerações Finais

Evidencia-se que o filme exibido no Ciclo de Cinema “Envelhecimento” contribuiu para discussões e reflexões relevantes sobre o processo de envelhecimento, pois inundados pelas mais diversas emoções, os idosos, dão lições de vida que provocam uma rica troca na qual os participantes de outras gerações apropriam-se das vivências dos mais velhos, e estes se sentem valorizados e reconhecidos socialmente, ao contribuir ativamente para o processo de construção do conhecimento através de sua prática, mostrando que o tempo é um exímio professor. Dessa forma, o debate intergeracional proveniente de um estímulo externo (filme) possibilita um aprendizado mútuo.

Os filmes são uma possibilidade concreta de circulação de afetos e de fruição estética. Representam uma oportunidade para refletir sobre os preconceitos existentes entre as gerações, bem como pensar em alternativas para harmonizar a coletividade. As trocas intergeracionais contribuem de maneira eficaz a adaptação e diminuição da exclusão social, seja ela dos idosos ou crianças.

A percepção de um envelhecimento com qualidade passa obrigatoriamente por repensar questões fundamentais à conduta humana, em que o respeito e a valorização dos outros, dos idosos, seja a base da cultura social. Somente quando esse paradigma for desenvolvido, desde os primeiros anos da vida humana, é que realmente teremos condições de encarar o envelhecimento como uma etapa a qual naturalmente sonhamos alcançar.

Referências

- Alves, A. E. S. (2013). Divisão sexual do trabalho: a separação da produção do espaço reprodutivo da família. Rio de Janeiro, RJ: *Trabalho, educação e saúde*, 11(2). Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462013000200002>.
- Andrade, R. de. (2002). *Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro*. São Paulo, SP: Estação Liberdade, EDUC.

- Araújo, A. C., Mergulhão, D. R. da S., & Nóbrega, P. R. da C. (2013). Representação do envelhecimento em “Amour”: notas sobre os processos socioespaciais na velhice. Porto Alegre, RS: *Estudos Interdisciplinares sobre Envelhecimento*, 18(2), 455-470. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/37348-177364-1-PB.pdf>.
- Becker, H. S. (1996). Balinese Charater: uma análise fotográfica de Gregory Bateson e Margaret Mead. *Cadernos de Antropologia e Imagem. Antropologia e fotografia*, 2. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/Núcleo de Antropologia e Imagem.
- Both, A. (2001). *Educação Gerontológica: posições e proposições*. Erechim, RS: Ed. São Cristovam.
- D’Alencar, R. S. (1998). *A fabricação social do idoso e o papel da educação*. Ilhéus, BA, Universidade Federal de Santa Cruz: *Especiaria-Caderno de Ciências Humanas*, 1(1), 177-181. Ilhéus, BA: Editus- Editora da UESC.
- Erikson, E. H. (1963). *Childhood and society*. New York, USA: Norton.
- Farinatti, P. de T. V. (2006). *Saúde, promoção da saúde e educação física: conceitos, princípios e aplicações*. Rio de Janeiro, RJ: UERJ.
- Freire, P. (1982). *A importância do ato de ler*. São Paulo, SP: Cortez.
- Freire, S. A. (2000). Envelhecimento bem-sucedido e bem-estar psicológico. In: Neri A. L., & Freire, S. A. (Eds.). *E por falar em boa velhice*, 21-31. Campinas, SP: Papirus.
- Freitas, M. C., Queiroz, T. A., & Sousa, J. A. V. (2010). O significado da velhice e da experiência de envelhecer para idosos. São Paulo, SP: *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 44(2), 407-412. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342010000200024>.
- Goldfarb, D. C. (2006). *Demências*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Neri, A. L. (2002). Teorias Psicológicas do Envelhecimento. In: Freitas, E. V., & Py, L. (Eds.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan.
- Neri, A. L. (2008). *Palavras-chave em Gerontologia*. (3ª ed.). Campinas, SP: Alínea.
- Oliveira, M. L., Oliveira, S. R. N., & Iguma, L. T. (2007). O processo de viver nos filmes: velhice, sexualidade e memória em Copacabana. Florianópolis, SC: *Revista Texto & Contexto, Enfermagem*, 16(1), 157-162. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v16n1/a20v16n1.pdf>.
- Organização Mundial da Saúde. (2005). *Envelhecimento Ativo: uma política de saúde*. Suzana Gontijo, Trad.: Brasília, DF: Organização Pan-Americana da Saúde. Recuperado em 01 agosto, 2017, de: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf.
- Ribeiro, J. da S. (2005). Antropologia visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação. São Paulo, SP: *Revista de Antropologia*, 48(2), 613-648. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012005000200007>.
- Salgado, M. A. (2007). Os grupos e a ação pedagógica do trabalho social com idosos. *Revista A Terceira Idade-Estudos sobre Envelhecimento*, 18(39), 67-78. São Paulo, SP: SESC. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/8732_OS+GRUPOS+E+A+ACAO+PEDAGOGICA+DO+TRABALHO+SOCIAL+COM+IDOSOS.

Santana, C. da S., & Belchior, C. G. (2013). A velhice nas telas do cinema, um olhar sobre a mudança dos papéis ocupacionais dos idosos. São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Kairós-Gerontologia*, 16(1), 93-116. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/20343/15100>.

Siqueira, M. E. C. de. (2002). Teorias Sociológicas do Envelhecimento. In: Freitas, E. V., & Py, L. (Eds.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan.

Torres, S. M., & Tettamanzy, A. L. L. (2008). Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. Porto Alegre, RS: *Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas. Sessão aberta PPG-LET-UFRGS*, 4(1), 1-8. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/5844/3448>.

Veras, R. (2009). Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. São Paulo, SP: *Revista de Saúde Pública*, 43(3), 548-554. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102009005000025>.

Viana, H. B. (2010). O envelhecimento retratado pelo cinema: uma análise do filme “Camilla”. São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Kairós-Gerontologia*, 13(2), 167-176. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/5373/3853>.

Wong, L. L. R., & Carvalho, J. A. (2006). O rápido processo de envelhecimento populacional do Brasil: sérios desafios para as políticas públicas. São Paulo, SP: *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, 23(1), 5-26. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v23n1/v23n1a02.pdf>.

Recebido em 04/12/2017

Aceito em 30/03/2018

Ana Paula Pastorio - Educadora Física e Fisioterapeuta, Mestranda em Gerontologia, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM. Santa Maria, RS, Brasil.

E-mail: aninha_pastorio@hotmail.com

Marco Aurelio de Figueiredo Acosta - Educador Físico, Mestre e Doutor em Ciências do Movimento Humano, UFSM.

E-mail: marco.aconta@bol.com.br

Simone Neiva Milbradt Roos - Educadora Física, Mestranda em Gerontologia, UFSM.

E-mail: simonemilbradt@yahoo.com.br